

## Casas que escondiam torres: arqueologia urbana na cerca de Nisa (Portalegre, Alto Alentejo)

Sílvia RICARDO<sup>121</sup>

### Resumo

Os centros históricos caracterizam-se por serem espaços que contêm palimpsestos ocupacionais e históricos, os quais deixam marcas no património.

Através das várias intervenções de regeneração urbana, conduzidas pelo Município de Nisa, foi possível reconhecer e registar novos dados acerca da evolução ocupacional do centro histórico e, principalmente, sobre a cerca amuralhada.

No âmbito de duas empreitadas de reabilitação pudemos atestar a existência de duas “novas” torres. Uma localizada junto da Porta de Montalvão e outra no troço da cerca Norte. Estas construções de cariz militar, por estarem totalmente integradas em habitações, eram quase invisíveis.

Na presente comunicação apresentam-se os primeiros dados sobre estas estruturas militares, até ao momento desconhecidas da investigação, e ocultas de fruição pelas comunidades locais.

**Palavras-chave:** Arquitetura militar, arqueologia urbana, arqueologia da arquitetura centro histórico, Nisa.

### Abstract

Historic centers are characterized by being spaces that contain occupational and historical palimpsests, which leave marks on the heritage.

Through the various urban regeneration interventions carried out by the Municipality of Nisa, it was possible to recognize and record new data about the evolution of occupation of the historic center and, mainly, about the walled fence.

Within the scope of two rehabilitation works, we were able to attest to the existence of two “new” towers. One located next to the Porta de Montalvão and the other on the northern wall section. These military-oriented constructions were almost invisible as they were fully integrated into housing.

---

<sup>121</sup> [silviamonteirorcarido@gmail.com](mailto:silviamonteirorcarido@gmail.com) / CHAIA-UÉ

This communication presents the first data on these military structures that were unknown to the investigation and hidden from the enjoyment of local communities.

**Keywords:** Military architecture, urban archeology, archeology of architecture, historic center, Nisa

## Introdução

O Norte Alentejo é das regiões de Portugal que concentra mais fortificações devido ao relevo e orografia, próprios que facilitava a incursão do reino vizinho.

Nisa constituiu uma dessas fortificações, integrada numa linha interna de defesa raiana formada pelas praças-fortes da Amieira, Alpalhão, Crato, Assumar, Monforte, Veiros, Estremoz, Borba, Vila Viçosa, Alandroal, Redondo, Valongo, Monsaraz, Portel, Alvito, Beja, Almodôvar e, já no Algarve, pelos castelos de Salir, Loulé e Faro (Martins, 2007).

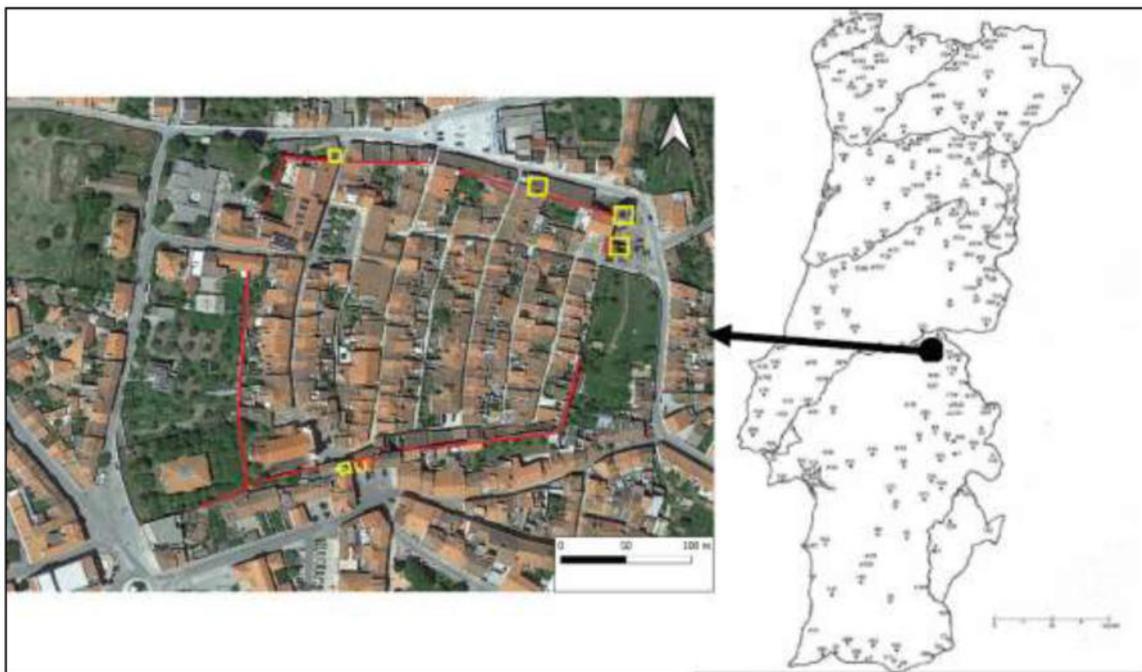


Figura 1 - Fortificações registadas entre 1245 e 1367 (Martins, 2007) e vista aérea da cerca de Nisa delimitada a vermelho e com indicação das torres conservadas a amarelo

Atualmente desconhece-se o momento da fundação do seu castelo. Sabemos, no entanto, que em 1198 a localidade de Nisa (a Velha)<sup>122</sup> era doada à Ordem do Templo (Barroca, 2002 p.538). No reinado de D. Dinis o castelo já existia, tendo beneficiado de obras de remodelação (Barroca, 2003). Mas será no reinado de D. Afonso IV,

<sup>122</sup>Nisa a Velha localiza-se a cerca de 4km da atual vila de Nisa. Atualmente designa-se também por Senhora da Graça. Este sítio foi intervencionado arqueologicamente em 1995 (Oliveira, Murta, 1995), e é considerado um povoado fortificado com uma ermida no topo. Não se compreende a cronologia de 291 ocupação na totalidade.

concretamente em torno de 1343<sup>123</sup>, que teve início o amuralhamento da vila (Martins, 2007, p.486), o qual foi realizado às expensas da Ordem de Cristo. O castelo ficou em ruínas e desapareceu no âmbito da Guerra da Sucessão de 1704 (Portugal, 1965; Martins, 2007). Chegou até aos nossos dias, em relativo bom estado de conservação, apenas um troço de muralha a sul, a cerca, torres e 3 portas. A cerca desenvolvia-se para nascente a partir das torres do castelo, apresenta uma planta retangular e paramentos apurados. Segundo as Memórias Paroquiais do século XVIII (Capela *et al*, 2019: 96) «*Tem a vila em circuito onze torres e três portas principais, além de outras 3 mais pequenas, a que chamam postigos.*». Especificamente, as portas - a da Vila, a de Montalvão e de João de Évora - e os três postigos - o de São Pedro, o do Canto do Adrião e o da Cadeia. Atualmente conserva apenas duas portas, a de Montalvão e a da Vila, flanqueada por dois cubelos (Keil, 1943). A porta de São João de Évora era igualmente flanqueada por cubelos, mas atualmente só se conserva um deles. No ângulo nordeste da muralha subsiste a torre que defendia a porta de Montalvão, construída sobre o afloramento rochoso, com dois pisos acedida pelo adarve. A cerca da vila era ainda reforçada por uma barbacã, com alambor na frente norte, da qual não restam vestígios conservados. Ainda que em bom estado de conservação, a cerca foi sendo integrada e absorvida pela malha urbana, que a partir do séc. XIX foi ocultando alguns dos seus troços e elementos defensivos.



Figura 2 – Localização das intervenções em questão

<sup>123</sup> IAN/TT, Ordem de Cristo, Convento de Tomar, M 78, doc. 9, de 1343, Fevereiro, 20.

Apresentamos aqui os resultados de duas intervenções (fig.2) bastante interessantes quer ao nível da arqueologia, como ao nível da arquitetura militar, que vêm completar o conhecimento acerca desta estrutura defensiva medieval. Tanto a zona das Portas de Montalvão como os edifícios da Rua da Cadeia Velha se encontram na área de proteção da Muralha do castelo de Nisa, Porta de Montalvão e Porta da Vila, classificada como MN – Monumento Nacional (e respetiva ZEP). Face a esta premissa, ambos os projetos de arquitetura foram alvo de parecer por parte da DRCA Lentejo. Este órgão tutelar emitiu um despacho condicionando a trabalhos arqueológicos, especificamente de acompanhamento arqueológico.

No âmbito destas intervenções urbanas, foi possível conhecer e reunir novos dados sobre a cerca medieval. Numa primeira fase, os trabalhos consistiram no acompanhamento arqueológico, seguido de pesquisa bibliográfica e documental acerca dos novos achados. Por último, o levantamento e registo parietal das torres seguindo os princípios da Arqueologia da Arquitetura (Parentti, 1981).

### **(Segunda) Torre das Portas de Montalvão**

Como anteriormente referido, no âmbito das intervenções previstas no “*Projeto de demolição dos edifícios nas Portas de Montalvão (Nisa)*” e pela localização de incidência, foram emitidas condicionantes de arqueologia preconizadas pela DRCA Lentejo.

O projeto compreendia a demolição do conjunto de habitações que estavam adossadas a Porta de Montalvão, e que se encontravam em avançado estado de degradação, de forma a “limpar” a zona da Porta de Montalvão e a valorizar este património, em termos turísticos e como símbolo da vila.

Não sabemos ao certo quando é que estas habitações foram construídas, mas pelo menos, durante o decorrer do século XIX já existiriam. A construção era bastante pobre, essencialmente com pedras de volumetrias e características diferentes, ligadas por terra ou barro e caiadas. Internamente eram compartimentadas por paredes de tijolo maciço e argamassa.

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico consistiram na observação direta dos desmontes manuais e demolições destas residências.

No decorrer destes trabalhos, foi colocado a descoberto, a servir de parede meeira entre habitações, um paramento com cerca de 5.75m de largura<sup>124</sup>, e cerca de 4m de altura, onde foi identificado um cunhal. Este paramento era independente, regular e com um traço muito semelhante ao da cerca e torre de Montalvão. O cunhal caracteriza-se por ter pequenos silhares de granito truncados que faziam o travamento e aresta a 90º.



Figura 3– Zona da intervenção de demolição na zona das Portas de Montalvão (Fotografias da autora)

Estes vestígios indicavam-nos imediatamente uma intenção de fechar um espaço, que neste caso, seria uma torre quadrangular maciça. Junto á cerca, os silhares de granito cruzam com esta, o que indica serem construções coetâneas.

Reconheceram-se esporadicamente alguns silhares de granito, semelhantes em cor e corte, aos da cerca e torre de Montalvão e que foram logicamente reaproveitados na construção destas casas.

Face a esta descoberta foi, posteriormente, realizada uma sondagem de diagnóstico, com o intuito de reconhecer se existiriam vestígios arqueológicos conservados. Porém apenas conseguimos apurar que esta segunda torre está construída sobre o

<sup>124</sup> A torre da Porta de Montalvão (restaurada) tem 6.80m de largura e a Torre da Porta de S. João de Évora tem 2.10m de largura. São ambas de formato quadrangular e as alturas variam bastante.

afloramento, sem vala de fundação, não se tendo reconhecido materiais cerâmicos coevos.

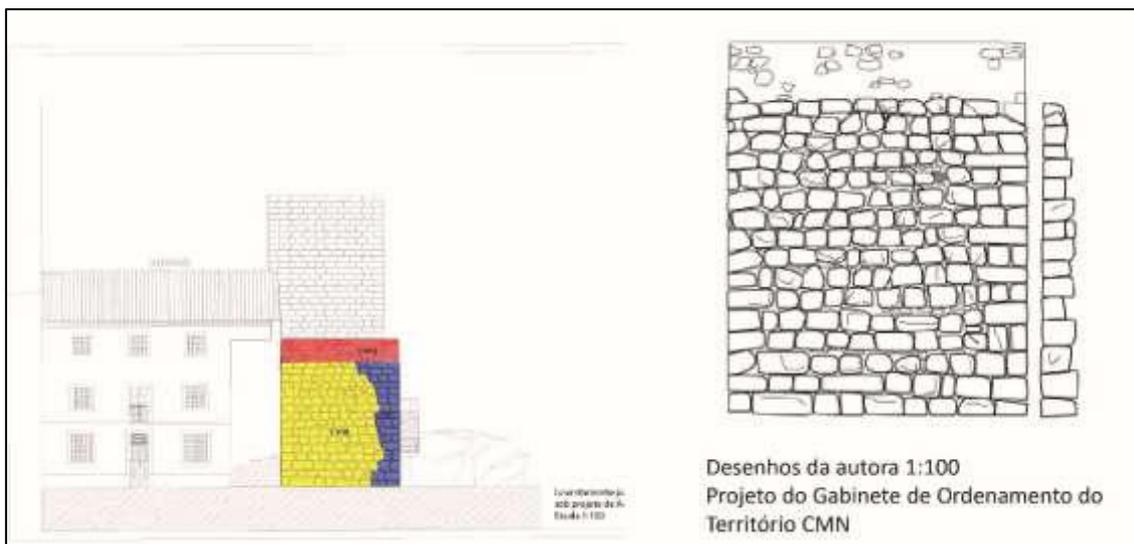


Figura 4 – Registo gráfico do paramento e do alçado conservado e sobreposição do registo de arqueologia da arquitetura sobre projeto de arquitetura da CMN.

### Troço Norte da cerca e Torre

No segundo caso, no âmbito das intervenções previstas no “*Projeto de Reabilitação do Edifício sito na Rua da Cadeia Velha, nº4,6,8,10,12,14 (Nisa)*” semelhante pela localização de incidência (fig.2), também foram emitidas condicionantes de arqueologia preconizadas por ofício da DRCA Alentejo.

Este projeto, bastante distinto do anterior, compreendia a reabilitação e recuperação de um edifício habitado até recentemente. As condicionantes arqueológicas foram essencialmente trabalhos de acompanhamento arqueológico, muito pontuais, e escavação para a instalação de um elevador.

No decorrer da fase inicial de remoção de elementos de madeira, a substituir devido ao estado avançado de deterioração, concretamente uma escadaria, concluímos estar na presença de um novo elemento da cerca da vila de Nisa. Esta escadaria apoiava-se numa construção de grande envergadura - Torre - construída essencialmente em silharia de granito, juntas rematadas com xisto e argamassa, e com o mesmo traço construtivo da cerca existente nesta lateral Norte do edifício. O mais interessante é que o paramento interno estava conservado, bem como o acesso ao passeio da ronda.

Porém, esta estrutura avançava para dentro de uma habitação. Para conseguirmos visualizar a estrutura na totalidade foi necessário remover rebocos e cimento, e a demolição de duas chaminés alentejanas que lhe estavam adossadas, e que lhe

retiravam totalmente a leitura (fig.5). Na continuidade dos trabalhos de remoção dos rebocos, surgiram também as escadas de acesso ao adarve e à referida torre.

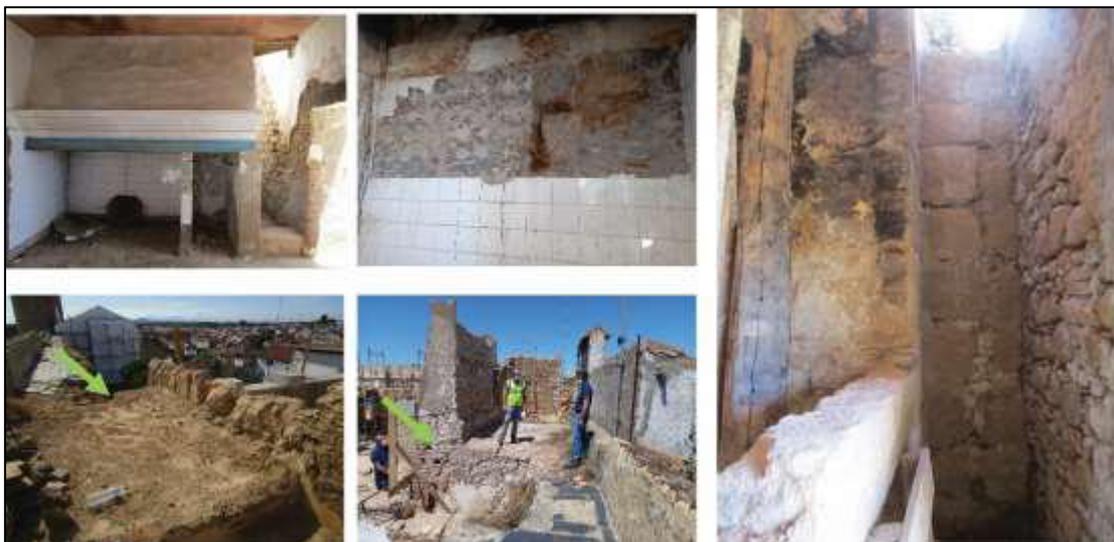


Figura 5 – Várias fases dos trabalhos na zona da torre e parte do troço Norte da cerca de Nisa pré e após demolições (Fotografias da autora)



Figura 6 – Identificação das escadas de acesso á torre e ao adarve no interior da habitação e no topo e exterior do edifício, visto da Torre das Portas de Montalvão (Fotografias da autora)

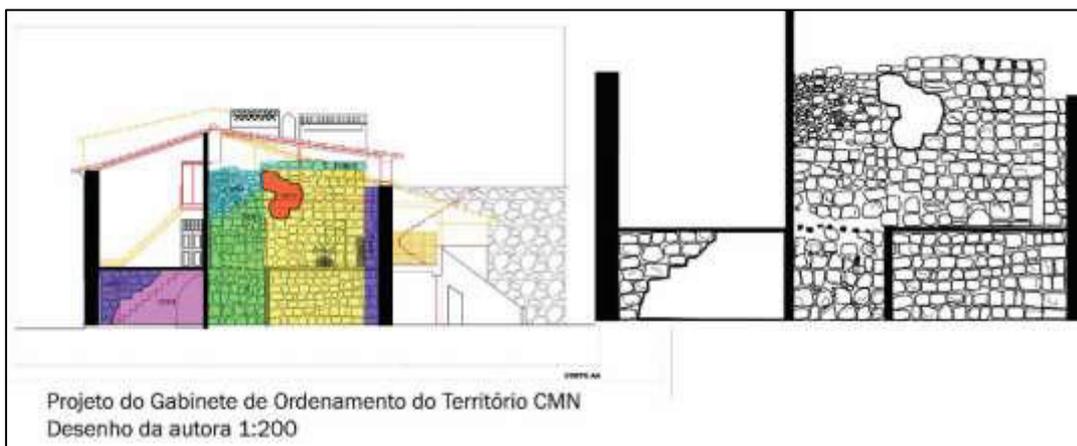


Figura 7– Registo gráfico do paramento e do alçado conservado e sobreposição do registo de arqueologia da arquitetura sobre projeto de arquitetura da CMN

## Discussão

O castelo, e respetiva fortificação de Nisa, remetem para um sistema de inovação que ocorreu na transição entre o castelo românico e o castelo gótico, em que estes passaram a ser mais activos na defesa do território (Barroca, 1990/1991). Infelizmente já não existe castelo para analisarmos em termos formais. Detemos apenas as vistas e plantas registadas por Duarte D'Armas, que nos permitem vislumbrar elementos atualmente desaparecidos, como a multiplicidade de torres e cubelos adossados à muralha, as portas muitas vezes ladeadas por torreões, ou a barbacã. Estes consubstanciam-se como elementos típicos da arquitetura militar gótica (Barroca, 1996/1997; Monteiro, 1999).

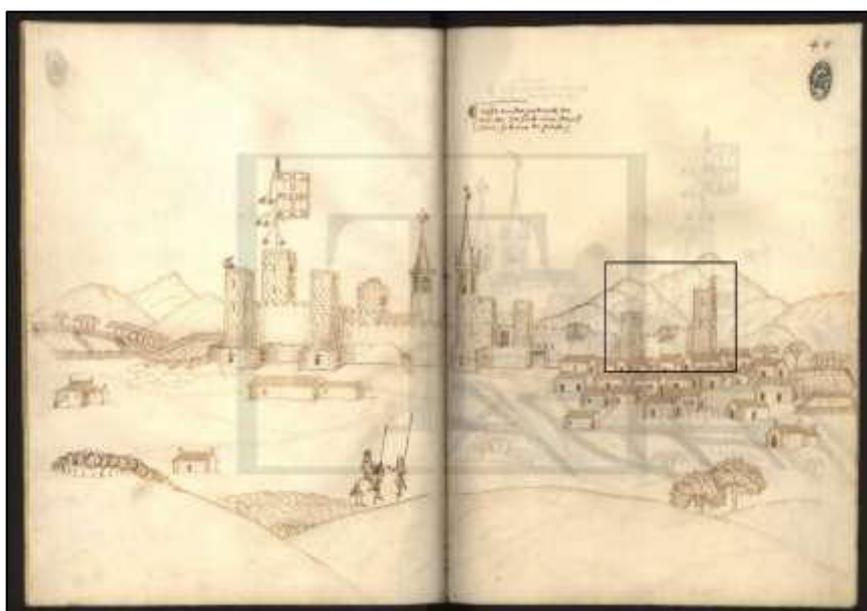


Figura 8 – Fortificação de Nisa a Sul, segundo o Livro das Fortificações do Duarte d'Armas, com indicação das torres da Porta de Montalvão (Fonte: Torre do Tombo).

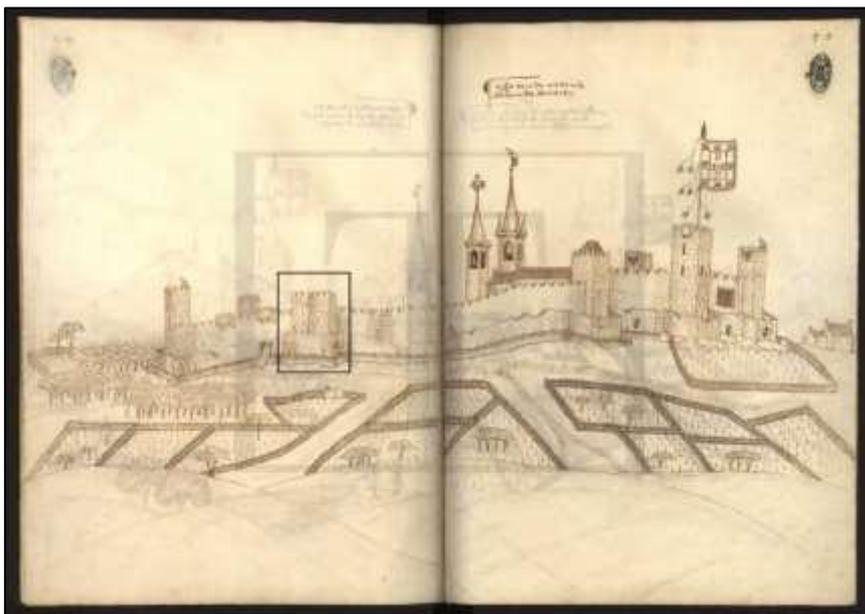


Figura 9 - Fortificação de Nisa a Norte, segundo o Livro das Fortificações do Duarte d'Armas, com indicação da torre no troço Norte (Fonte: Torre do Tombo).

Alguns destes elementos chegaram até aos nossos dias, como a cerca com o passeio da ronda com cerca de 2m de largura, portas enquadradas por cubelo, como é o exemplo da segunda torre junto à Porta de Montalvão, e torres adossadas ao longo da muralha, como a registada na empreitada de reabilitação da Cadeia Velha. Outros elementos, como a barbacã, torres e troços de muralha desapareceram ou encontram-se ocultos por construções posteriores. A este fato alia-se sempre o fenómeno de reaproveitamento de construções pré-existentes ou desmantelamentos para reutilização de matéria-prima, associado ao palimpsesto ocupacional dos espaços urbanos.

Ambos os trabalhos aqui descritos, ainda que a sua análise e funcionalidade sejam distintas uma vez que uma se localiza no interior da fortificação e o outro elemento no seu exterior, revelaram situações de reocupação e reformulação de espaços cuja função inicial se encontrava preterida.

Assim, originalmente, a Porta de Montalvão tinha nos seus primórdios medievais duas torres. A Torre posta a descoberto seria mais pequena, em comparação com a Torre da Porta de Montalvão, estaria adossada á porta de forma a defendê-la e seria em termos estruturais, maciça de forma a não ser britada (Monteiro, 1999). Esta torre encontra-se registada nos desenhos de Duarte D` Armas. Posteriormente, na Memória Histórica da Vila de Niza (Moura, 1877: 163), o autor afirma «*A imediata é a que vulgarmente se chama de Montalvão, (...) era defendida por duas torres, uma das quaes estava junto d'ella da parte esquerda, e outra um pouco mais distante no angulo da muralha; que é a única, que ainda hoje*

*se conserva reparada e concertada servindo de varanda de um dos edifícios, que lhe são adjacentes.».*

Quanto à torre identificada no interior do edifício sito na Rua da Cadeia Velha, encontra-se em perfeito estado de conservação, oculta pelas chaminés, escadas e telhados. Esta estrutura encontra-se localizada no troço Norte ao longo do pano, entre a Porta de Montalvão e a Porta de S. João de Évora. Segundo Figueiredo (Figueiredo, 1956: 35) «Desde 1939 [...] a Rua da Cadeia segue em linha recta até a estrada de circunvalação, através da muralha que, para tal efeito, foi demolido nesse ponto.» Ou seja, a Rua da Cadeia Velha não tinha saída originalmente, não detendo esta torre a função de apoio à defesa de uma porta, mas antes servindo como reforço e ponto de apoio militar ao longo do troço de muralha aqui existente.

Em jeito de observações finais, destacar que a arqueologia da arquitetura, conciliada com pesquisa bibliográfica e com apontamentos arquitetónicos, são uma parte cada vez mais essencial nas intervenções urbanas em Portugal. Neste caso foi possível registar elementos militares importantes, com os quais não estávamos a contar inicialmente, mas que foram perfeitamente possíveis de harmonizar com a execução do projeto e com a modernização dos espaços. São apontamentos muito interessantes e importantes para a história de Nisa, e da arquitetura militar de Portugal.

## **Bibliografia**

- BARROCA, M. (1990/1991) - Do castelo da reconquista ao castelo românico (séc. IX a XII), *Portugália*, vol. 11-12, p. 89-136.
- BARROCA, M. (1996/1997) – A ordem militar do Templo e a arquitetura militar Portuguesa do século XII. *Portugália*. Nova Série, Vols. XVII/XVIII, pp. 171-209.
- CAPELA, J., MATOS, H., CASTRO, S. (2019) - *As freguesias dos distritos de Castelo Branco, Portalegre e Olivença nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, história e património*. J.V.C.
- FIGUEIREDO, J. (1989) - *Monografia da Notável Vila de Nisa*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- KEIL, L. (1943) – *Inventário Artístico do distrito de Portalegre*, Lisboa: SBNA.
- MARTINS, M. (2007) – *PARA BELLUM. Organização e Prática da Guerra em Portugal durante a Idade Média (1245-1367)*. Dissertação de Doutoramento defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Policopiado.

- MONTEIRO, J. (1999) – *Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média. Presença, Perfil, Conservação, Vigilância e Comando*, Coimbra, Colibri / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- MOURA, J. (1982) - *Memória Histórica da Notável Vila de Nisa*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- OLIVEIRA, J., MURTA, J. (1995) – *Relatório de escavação do Povoado de Nossa Senhora da Graça de Nisa*. Policopiado.
- PARENTI, R. (1988) – Le tecniche di documentazione per una lettura stratigrafica dell'elevato, *Archeologia e restauro dei monumenti*, pp. 280-304.
- RICARDO, S. (2020) – *Relatório Final de Acompanhamento Arqueológico do Projeto de demolição dos edifícios nas Portas de Montalvão – Nisa*. Policopiado.
- RICARDO, S. (s.d.) – *Relatório Final de Acompanhamento Arqueológico do Projeto de Reabilitação do Edifício sito na Rua da Cadeia Velha, nº 4,6,8,10,12,14 - Nisa*. Policopiado.